

Trechos principais de críticas recebidas, seguidos dos recortes de onde foram extraídos.

“...[grupo] formado por gente que afia o talento com muito estudo (...) e não deixa de lado a técnica do trabalho do ator...”

...

...o grupo fecha sua primeira década contaminado pela ira cívica e expressando de modo eloquente essa paixão insalubre. Não há dúvida de que a opção estilística mais adequada ao civismo irado é a esculhambação, sobretudo quando os objetos de escárnio não poupam o cidadão. Estamos numa democracia - reconhecem os autores - logo, somos todos, eleitores, congressistas e barnabés, responsáveis pelas bandalheiras institucionais.

...

...os dramaturgos (...) recorreram ao cabedal ameadado no contato reverente e íntimo com a literatura brasileira. A paródia inteligente, que estabelece vínculos entre temas e formalizações e não se contenta em ironizar as semelhanças aparentes é, no texto, o equivalente ao experimentalismo dos escritos mais irreverentes dos modernistas. Para ferir fundo é preciso atacar sem piedade as formas consagradas (...) e essa lição primordial da vanguarda modernista exige em contrapartida o domínio técnico das convenções que pretende demolir. Boa parte da graça de um espetáculo que remexe na angústia e deplora a inatividade dos cidadãos diante da corrupção institucional se deve ao manejo a um só tempo hábil e refinado da sátira. Não é uma mistura fácil, porque o grotesco pareceria um verniz mais apropriado e, em geral, é a essa coloração forte que recorre a arte, cuja missão primeira é vergastar os poderes constituídos.”

Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo

“A Companhia do Feijão, com uma longa tradição de bons espetáculos, é um desses grupos que insistem em fazer do teatro o lugar [da] reflexão coletiva.

...

Um acerto de contas radical com a situação política brasileira.

...

...ainda há vida inteligente na cena teatral brasileira.”

Walter Cezar Addeo / APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte

“A Cia. do Feijão (...) retoma o fio de uma meada brutalmente cortada, o teatro político por excelência.

...

...um grande espetáculo, satírico, alegórico, a um só tempo divertido e dolorido.”

Beth Néspoli / O Estado de S.Paulo

“...o Brasil como forma bizarra de amálgama de público e privado.”

Fabrizio Muriana / Revista Bacante

“...a peça corre todos os riscos [e] sai bem de todos eles.”

Matheus Pichonelli / Revista Bacante

“...uma obra que definitivamente não opta pelo meio-termo e escancara tudo o que pode (...) Não há concessão.”

Julienne Codognotto / Revista Bacante

Teatro Em cartaz:

Um cabaré de costumes políticos

Companhia do Feijão faz espetáculo para quem se deleita com o noticiário atual de peripécias do poder

JOSÉ ROMERO/DIVULGAÇÃO

CRÍTICA

MARIANGELA ALVES DE LIMA
ESPECIAL PARA O ESTADO

Entre os literatos, a fidelidade a um santo protetor costuma ser mais forte do que entre os artistas de teatro – e não é estranho, portanto, que a Companhia do Feijão, por tanto tempo devota de Mário de Andrade, convoque agora outro padroeiro. Ao completar a sua primeira década, este circunspeto grupo, formado por gente que afia o talento com muito estudo teórico e não deixa de lado a técnica do trabalho do ator, decidiu abrigar-se sobre as asas protetoras de Oswald de Andrade. Em essência é esse Andrade desaforado quem sopra ânimo a um espetáculo que emprestou frases de outros autores como Machado de Assis, França Júnior, Shakespeare ou as considerações pragmáticas de Thomas Hobbes.

Alguma coisa da ironia fina e da tristeza desencantada de Machado de Assis e Mário de Andrade sobrevive sob as paráfrases. Em um e outro desses dois autores, o desencanto não encobre de todo a compaixão, mas essa fraqueza foi reprimida com energia neste espetáculo, *Veleidades Tropicais*. O que restou visível é o gosto pela finesse, traço pouco comum nas sátiras políticas por denotar um tráfico comprometedor com a cultura da classe dominante.

Talvez não se trate de heresia ou de um credo inteiramente novo e a Companhia do Feijão pode estar depondo por algum tempo o fardo da solidariedade irrestrita, mas o fato é que o grupo fecha sua primeira década contaminado pela



ira cívica e expressando de modo eloquente essa paixão insalubre. Não há dúvida de que a opção estilística mais adequada ao civismo irado é a esculhambação, sobretudo quando os objetos de escárnio não poupam o cidadão. Estamos numa democracia – reconhecem os autores – logo, somos todos, eleitores, congressistas e barnabés, responsáveis pelas bandalheiras institucionais: “... se apesar de ter opinião contrária ao estados das coisas, você fica sentado com a mão no bolso dizendo não saber o que pode ser feito e nada fazendo...”

De qualquer forma a caminhada de dez anos da Companhia do Feijão fixou hábitos

dos quais o grupo não se desvencilha inteiramente ao construir este cabaré de costumes políticos. Também para esculhambam, os dramaturgos Pedro Pires e Zernesto Pessoa recorreram ao cabedal amalhado no contato reverente e íntimo com a literatura brasileira. A paródia inteligente, que estabelece vínculos entre temas e formalizações e não se contenta em ironizar as semelhanças aparentes é, no texto, o equivalente ao experimentalismo dos escritos mais irreverentes dos modernistas. Para ferir fundo é preciso atacar sem piedade as formas consagradas (pobre Bilac!) e essa lição primordial da vanguarda modernista exige em contrapartida o domínio técnico das convenções que pretende demolir. Boa parte da graça de um espetáculo que remexe na angústia e deplora a inatividade dos cidadãos diante da corrupção institucional se deve ao manejo a um só tempo hábil e refinado da sátira. Não é uma mistura fácil, porque o grotesco pareceria um verniz mais apropriado e, em geral, é a essa coloração forte que recorre a arte, cuja missão primeira é vergastar os poderes constituídos.

Desta vez, pelo menos na su-

perfície da obra, o grupo não fala sobre vítimas e tampouco para vitimizadas. Lembra que a República, protagonizando a peça como uma senhora de coração volúvel, está amparada pelo voto. Endereça-se, portanto, ao espectador “meu semelhante, meu irmão”, leitor de jornais, razoavelmente instruído, capaz de destrinchar

PARA FERIR FUNDO, É PRECISO ATACAR SEM PIEDADE AS FORMAS CONSAGRADAS

tanto as figurações do poder quanto as ironias imediatistas, baseadas nas crônicas e nas manchetes recentes. Os clichês não são poupados, mas apanham em alto estilo. Vejamos o fecho de um desfile caricato do pragmatismo dos poderes republicanos. “E fica instituído no País o Império do Meu, a ser regulado pelo mercado dos desejos venais, onde quem pode mais tem mais ou onde quem tem mais pode mais e tanto faz.”

São de temperamento pouco dado à comédia e sem nenhuma vocação para a vulgaridade

farsesca os intérpretes do grupo. Os quatro homens do elenco saem-se muito melhor quando trabalham sobre as inflexões cômicas do texto, mas é evidente um certo pudor quando a graça torna-se corporal. Vale lembrar aqui que, a julgar por espetáculos anteriores, os intérpretes do grupo são especialmente bem treinados para transformar em signo corporal experiências literárias ou de observação direta. É o es-cracho que os intimida. Mais ousadas do que seus companheiros de cena, as atrizes do elenco dominam de um só golpe a malícia e a caricatura grosseira, o aspecto sedutor do meneio sugerindo o bote armado sob a sedução. República, está claro, é um substantivo feminino e cabe às moças protagonizar, ainda que de modo emblemático, a corrupção. Depois dela, contudo, virá o Império do Meu e este é, por convenção da língua, masculino. ●

Serviço

● **Veleidades Tropicais.** 90 min. 14 anos. **Companhia do Feijão** (40 lug.). Rua Dr. Teodoro Baima, 68, 3259-9086. Hoje, 21 h; e dom., 20 h. R\$ 20

VELEIDADES TROPICAIS – A REPÚBLICA LOTEADA

Walter Cezar Addeo

O teatro grego clássico sempre teve como tema o homem e sua atuação nos destinos da cidade, na forma de ser governado, portanto sempre foi um teatro político por definição. Pensamento político entendido sempre em seu sentido maior como espaço incontornável do exercício da liberdade humana e da dignidade de viver. Não foi à toa, portanto, que Aristóteles definiu o homem, antes de tudo, como “um animal político”.

Constatar que em São Paulo grupos independentes de teatro cumprem essa missão de fazer da cena teatral novamente um espaço de análise crítica da esfera do político significa que ainda há núcleos de resistência cultural, analisando a sociedade brasileira com inteligência e talento.

A **Companhia do Feijão**, com uma longa tradição de bons espetáculos, é um desses grupos que insistem em fazer do teatro o lugar dessa reflexão coletiva. *“Veleidades Tropicais”*, seu último trabalho atualmente em cartaz, prova isso. É uma caleidoscópica paródia pós-moderna sobre o Brasil e nossa absurda realidade política. Uma montagem que dialoga com intertextos diversos, mas principalmente com o teatro de Shakespeare. Afinal foi ele quem colocou em cena as grandes tragédias da luta pelo poder. Estão lá, portanto, as bruxas do prólogo de Macbeth, transformadas em três “veleidades tropicais” a comandar essa alegoria de um país politicamente em transe cujo centro de poder e instituições parecem ter entrado em entropia total. Ninguém é poupado. Partidos de todos os matizes, de centro, de direita, de esquerda e mais que houver, além de sindicatos, Ongs, sistema judiciário, executivo e legislativo. Nada escapa, tornando o espetáculo quase que um atestado de fim de linha ideológico para toda uma geração que um dia sonhou com mudanças sociais estruturais de longo alcance. O espetáculo apresenta, portanto, um beco sem saída absurdo e sem complacências. Um acerto de contas radical com a situação política brasileira. E faz isso com um ótimo e inteligente humor, evitando ser panfletário. Encontra, inclusive, nas músicas de Caetano Veloso (que por sinal escreveu o livro “Verdade Tropical”) sínteses perfeitas do que está a mostrar no palco. Afinal, o tropicalismo foi o primeiro a apontar para essa “criança feia e morta que estende a mão no planalto central do país, onde o monumento é de papel crepom e prata”, como diz a letra da célebre música. As bruxas, nossas “veleidades tropicais”, corretamente chamam esse centro de poder que apodrece no planalto central de “a charneca do planalto”. Elas mexem e remexem esse caldeirão fazendo a autópsia dessas negociatas políticas acontecendo ante os olhares pasmados de toda uma nação. Mas esses problemas são históricos, antigos e eternos, como se a república brasileira tivesse mesmo nascido com um mal congênito que não sabemos curar. Alguma coisa degenerou nesta república brasileira que todos tomam de assalto e onde os partidos políticos chantageiam-se reciprocamente.

Portanto, não é um espetáculo fácil, não pode ser digerido facilmente. As citações cruzadas e fartas da cultura brasileira exigem um público inteligente e interessado, disposto a participar desse jogo teatral que expõe com muito humor a patética cena política brasileira. O elenco todo, afinadíssimo, é um espetáculo à parte, e vai tecendo essas alegorias com ótimas surpresas, tirando o máximo proveito de uma cenografia e figurinos engenhosos, provando que ainda há vida inteligente na cena teatral brasileira.

VELEIDADES TROPICAIS – Elenco da Companhia do Feijão. Texto, direção e iluminação: Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Rua Doutor Teodoro Baima, 68, Vila Buarque. F: 3259-9086. Sexta e sábado, 21 h; domingo, 20 h. R\$ 20,00 (sáb. e dom.). Grátis (sex.). Até 18 de outubro.

Walter Cezar Addeo – Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo e membro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte. waddeo@uol.com.br

Teatro Estreias:

Tradição política do Arena renovada

Com sede ao lado do histórico espaço, a Cia. do Feijão retrata o poder com humor satírico e amargo em *Veleidades Tropicais*

Beth Néspoll

Com a estreia na sexta de *Veleidades Tropicais*, a Cia. do Feijão faz jus à sua localização de seu teatro – ao lado do Arena de Boal, Vianinha e Guarnieri – e retoma o fio de uma meada brutalmente cortada –, o teatro político por excelência, que trata diretamente das relações de poder e como elas afetam a vida dos homens aqui e agora. A julgar pelo ensaio acompanhado pelo Estado, vem aí um grande espetáculo, satírico, alegórico, a um só tempo divertido e dolorido, sobre o comportamento dos que detêm o poder no País.

As três bruxas que tentam Macbeth lá estão, tropicalizadas, incitando com a promessa de mais poder a quem já tem numa encenação que perfaz três grandes ciclos. No primeiro, Brasília surge como sugestão de cenário e veem-se as lavagens de dinheiro, as relações do judiciário com o poder financeiro, o papel por vezes duvidoso da imprensa. O segundo ciclo, mais uma vez marcado pelas bruxas, é metropolitano, entram os carros blindados, o orgulho de finalmente usufruir um produto cultural de alta sofisticação, num entorno degradado, que o poder público promete higienizar em breve.

Em seguida, viaja-se ao Brasil profundo, dos proprietários de terra e seus representantes no Poder Legislativo. Não faltam as figuras dos sindicalistas e dos fundadores de ONGs. Ao fim, voltam as bruxas para instalar o Império do Meu, onde quem pode mais tem mais.

Na direção e dramaturgia mais uma vez estão Pedro Pires

e Zernesto Pessoa, fundadores dessa companhia que já criou montagens de excepcional qualidade, como *Mire Veja*. Difícil na comédia política é sempre saltar do primeiro nível da paródia de figuras públicas reconhecíveis e da constatação do que já se sabe. “Por isso, a presença das bruxas de Macbeth, por exemplo, entre outras referências teóricas e ficcionais, como Machado de Assis, Thomas Hobbes, Clarice Lispector, Henry Thoreau. Tentamos uma análise histórica, de formação, comportamental no sentido mais profundo, de compreensão do poder e das forças que mobiliza”, diz Pedro Pires.

REFERÊNCIAS VÃO DE SHAKESPEARE A MACHADO DE ASSIS EM QUADROS ÁGEIS

O termo veleidade do título chama atenção. “Machado tem um conto que fala sobre essa ‘volubilidade’ do desejo numa personagem chamada Dona Benedita, que muda de interesses a toda hora, muda até de amigo como muda de roupa. A vontade de poder é natural no ser humano. Mas um desejo forte e importante obriga a abrir mão de outros, move projetos. Veleidade é o desejo de poder pelo poder, pura vaidade, que no político faz ignorar a coisa pública, degrada a ‘República’.

A ‘veleidade’ sutilmente perpassa todas as cenas estruturadas em quadros ágeis e, por incrível que pareça, divertidos, apesar do travo amargo. Reve-

COMÉDIA - *Veleidades Tropicais* traça panorama da relação do brasileiro com o poder em diferentes níveis

zando-se em muitos papéis, os atores Antonio Vanfill, Fausto Franco, Fernanda Hauke, Fernanda Rapisarda, Flávio Pires, Guto Togniazolo, Livia Guerra e Petronio Nascimento.

Têm papel importante e ficam cada ciclo os irmãos Pedro e Paulo, que disputam uma degradada República. “A inspiração vem do romance *Isaí e Jacó*, de Machado de Assis, sobre

gêmeos, ricos, de boa família, um monarquista, outro republicano.” As diferenças entre Pedro e Paulo, ricos e em oposição, são no fundo irrelevantes, duas faces da mesma moeda.

JOSÉ ROMERO/DIVULGAÇÃO

O espetáculo é cheio de referências – só de Shakespeare há *Hamlet*, *Macbeth*, *A Tempestade*. “Ele escreve numa sociedade que começa a ser ‘iluminada’ e critica a barbárie na disputa pelo poder. No Iluminismo, e depois, muitos refletiram sobre o homem, a sociedade e o poder. Na Europa, a ideia de República chegou a concretizar-se e a interrupção das duas guerras reforçou sua importância. No Brasil, tentou-se instaurar o modelo que baniria a retrógrada elite feudal, mas o golpe de 64 derrotou tal projeto.” A queda do bloco comunista e a ideia de que o mercado regula tudo – a crise financeira como efeito – degradaram ainda mais o quadro. “Pior é a nossa desistência. Não precisa ser assim, temos de buscar soluções. Pensar sempre fez o homem avançar.” ●

Serviço

● *Veleidades Tropicais*. 90 min. 14 anos. Companhia do Feijão (40 lug.). Rua Dr. Teodoro Baima, 68, República, 3259-9086. 6.ª e sáb., 21 h; dom., 20 h. Grátis. Até 25/10

Peça da Cia. do Feijão retrata donos do poder

GABRIELA MELLÃO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A Cia. do Feijão construiu sua trajetória debruçada sobre o tema da identidade nacional. Há mais de dez anos o grupo investiga as questões sociais do país, aproximando o teatro da literatura. As anomalias da política brasileira já foram tema para "Pálido Colosso" (2007).

A peça, que abordava os últimos 40 anos do Brasil, levava ao palco todos os presidentes desde Tancredo Neves, incluindo Lula. Em "Veleidades Tropicais", nono trabalho da Cia., que estreia hoje, políticos são "promovidos" ao centro da história.

O espetáculo faz um retrato dos detentores do poder. "Os políticos hoje são a retaguarda que luta pela manutenção da ideia única de que o futuro chegou, e dane-se quem não achou seu lugar ao sol", diz Pedro Pires, um dos fundadores do grupo, que assina dramaturgia, direção e iluminação do espetáculo, ao lado de Zernesto Pessoa.

Foi desnecessário explicitar no palco as identidades dos governantes: "As diferenças entre eles são insignificantes. São como produtos similares. Mudam de emba-

lagem, rótulo e alguns detalhes: os que preferem a cueca 'X' ou 'Y', por uma questão de moda, conforto ou poder aquisitivo".

Cenas ácidas e trágicas sucedem-se em tom que passeia entre satírico, grotesco e bufonesco. A peça começa em 2010 e termina em 2014, não por acaso anos de eleição. Faz um percurso que parte do cibernético, um espaço virtual inspirado em Brasília, para o concreto, uma pequena cidade do interior, onde o poder influencia diretamente a vida de seus habitantes.

As veleidades do título são inspiradas na entidade que dá nome ao conto "Dona Benedita", de Machado de Assis, e nas bruxas de "Macbeth", de Shakespeare. Elas conduzem o público pelos diferentes tempos e espaços da cena. São figuras um tanto vaidosas e presunçosas, que representam traços da alma dos políticos brasileiros.

Além de Machado e Shakespeare, escritores e pensadores como Guimarães Rosa e Lev Vygotsky serviram de apoio para a criação do espetáculo, concebido a partir de uma pesquisa sobre utopia.

➔ VELEIDADES TROPICAIS

Quando: sex. e sáb., às 21h, e dom., às 20h; até 25/10

Onde: Companhia do Feijão (r. Dr. Teodoro Baima, 68, tel.: 0/xx/11/3259-9086); 14 anos

Quantos: R\$ 20, grátis às sextas

77 BRAVO!

O MELHOR DA CULTURA EM AGOSTO DE 2009



OS MELHORES ESPETÁCULOS NA SELEÇÃO DE BRAVO!

VELEIDADES TROPICAES

De Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Com Fernanda Rapisarda, Livia Guerra, Fernanda Haucke (foto), entre outros da Cia. do Feijão.

O espetáculo: Apresenta a representação fragmentada e não cronológica de episódios relacionados às origens e aos vícios da política. Cenas ácidas e trágicas sucedem-se num ambiente inspirado em Brasília.

Por que ir: Para ver uma colagem satírica de episódios relacionados ao comportamento de políticos do país. O nono trabalho desse importante grupo paulista é resultado de uma pesquisa sobre identidade e utopia.

Preste atenção: O espetáculo apresenta releituras de textos sobre poder de autores como Guimarães Rosa, Olavo Bilac e Machado de Assis; além de referências contemporâneas sobre corrupção e movimento sindical.

Onde: Companhia do Feijão (rua Dr. Teodoro Balma, 68, República, São Paulo, tel. 0++/11/3259-9086). **Quando:** 6ª e sáb., às 21h, e dom., às 20h. Até 18/10. 6ª, grátis; sáb. e dom., R\$ 20.

Veja também: *A Aurora da Minha Vida*. De Naum Alves de Souza. Direção Bárbara Bruno. Com Rubens Caribé, Paula Arruda e outros. Este clássico também reflete sobre política, ao apresentar o sistema escolar dos anos 70 como modelo repressor. No Sesc Santana, em São Paulo (tel. 0++/11/6971-8700).

BRASÍLIA NO PALCO

JOSÉ ROMERO/DIVULGAÇÃO



No nono trabalho da Companhia do Feijão, 'Veleidades Tropicães', a peça trata da relação entre o poder público e as veleidades, seres míticos que representam os sonhos. Conduzido por um coro, o trabalho apresenta ainda releituras de textos sobre o poder de autores como Guimarães Rosa, Olavo Bilac e Machado de Assis.

Companhia do Feijão (40 lug.). R. Dr. Teodoro Baima, 68, Centro, 3259-9086. 6ª e sáb., 21h; dom., 20h. 90 min. 14 anos. R\$ 20 (6ª, grátis). Até 25/10.